

REFLEXÕES SOBRE O ACONSELHAMENTO EM AMAMENTAÇÃO NA PERSPECTIVA DA COMUNICAÇÃO HUMANA⁽¹⁾

Adriana Moraes leite⁽²⁾, Isília Aparecida Silva⁽³⁾

⁽¹⁾Este trabalho é parte da dissertação de mestrado: LEITE, A.M. **Aconselhamento em amamentação na perspectiva da comunicação humana**. São Paulo, 2000, p.148. Dissertação (Mestrado)-Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo. ⁽²⁾Assistente junto ao Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP. Centro colaborador da OMS para o Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem. Av. Bandeirantes, 3900 - Ribeirão Preto-SP- CEP 14040-902 e-mail drileite@eerp.usp.br ⁽³⁾Professor Doutor junto ao Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica da Escola de Enfermagem-USP.

O Curso de Aconselhamento em Amamentação” idealizado e implantado pela United Nation’s Children’s Emergency Fund – UNICEF, em parceria com a Organização Mundial da Saúde – OMS, representa uma importante iniciativa no sentido de reconhecer e valorizar a mulher como agente da amamentação e tem como objetivo desenvolver habilidades no profissional de saúde, as quais guardam estreita relação com as técnicas de comunicação classificadas por Stefanelli (1993), para que este possa ajudar a nutriz em suas dificuldades no manejo da amamentação. Este trabalho visa explicitar reflexões acerca do conteúdo ministrado no curso e sua importância na construção de um novo modelo de assistência em amamentação, que considere a comunicação humana como instrumento básico para sua implementação.

Palavras-chave: enfermagem, amamentação, comunicação

REFLECTIONS ON BREASTFEEDING COUNSELING FROM THE PERSPECTIVE OF HUMAN COMMUNICATION

The "Breastfeeding Counseling Course", which has been conceived and implemented by the United Nation’s Children’s Emergency Fund – UNICEF in partnership with the World Health Organization – WHO, represents an important initiative towards recognizing and valuing woman as a breastfeeding agent and aims to develop skills in health professionals, who are closely related to the communication techniques classified by Stefanelli (1993), for them to be able to help mothers with their difficulties concerning breastfeeding. This work aims at presenting reflections on the course content and its importance in constructing a new breastfeeding care model, which will take into account human communication as a basic instrument for its implementation.

Key words: nursing, breastfeeding, communication

INTRODUÇÃO

Procurar compreender o universo da mulher para apoiá-la em seu processo de amamentação, certamente é tarefa na qual a nossa relação com ela se destaca como instrumento fundamental do processo. Daí a importância de estarmos cientes dos elementos que envolvem as relações interpessoais e poder aplicá-los na assistência em aleitamento materno.

Uma das iniciativas no sentido de valorizar a mulher enquanto agente da amamentação é o programa de treinamento em “Aconselhamento em amamentação”, idealizado pela United Nation’s International Children’s Emergency Fund - UNICEF, em parceria com a Organização Mundial da Saúde-OMS, dirigido aos profissionais que prestam assistência à mulher nos serviços de apoio e incentivo à amamentação (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 1994).

O objetivo desse curso é capacitar profissionais de saúde que atuam na assistência à amamentação para aplicar habilidades de comunicação interpessoais que resultem em melhoria da assistência em amamentação, ajudando as mães a superarem dificuldades. O programa destina-se ao desenvolvimento de algumas habilidades, nesses profissionais, como **ouvir e aprender, dar confiança e apoio** à mulher (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1997). Tal programa, foi implantado no Brasil a partir de 1995, e vem sendo aplicado em todos os estados até hoje.

Ressaltamos que as habilidades desenvolvidas nesse curso, têm uma estreita relação com as técnicas de comunicação terapêuticas classificadas por Stefanelli (1993), com os quais podemos traçar o paralelo.

Tal autora acredita que é pela comunicação verbal, paraverbal e não verbal estabelecida com o paciente, que podemos compreender sua visão de mundo, ou seja, seu modo de pensar, sentir e agir. Isto nos permite identificar o que ele sente com base no significado que atribuí aos fatos que lhe ocorrem, para que possamos ajudá-lo a encontrar meios para manter ou recuperar sua saúde. Para esta comunicação ser considerada terapêutica, várias estratégias devem ser empregadas na interação com o paciente, sem perder de vista a sua individualidade.

São exatamente essas técnicas de comunicação classificadas por Stefanelli (1993), que possuem estreita relação com as habilidades desenvolvidas no “Curso de Aconselhamento em Amamentação”.

As **“Habilidades de ouvir e aprender”** desenvolvidas durante o referido curso compreendem um conjunto de técnicas de comunicação, tais como: 1. *“Use comunicação não verbal útil”* (que se referem a postura do profissional, contato visual, exclusão de barreiras, dedicar tempo, toque); 2. *“Faça perguntas abertas”*; 3. *“Use expressões e gestos que demonstrem interesse”*; 4. *“Devolva com suas palavras o que a mãe disse”*; 5. *“Empatia: Mostre à mãe que você entende como ela se sente”*; 6. *“Evite palavras que soam como julgamento”*.

As **“Habilidades de desenvolver confiança e apoio”** se referem a : 1. *“Aceite o que a mãe pensa e sente”*; 2. *“Reconheça e elogie o que a mãe e o bebê estão fazendo certo”*; 3. *“Dê ajuda prática”*; 4. *“Dê pouca e relevante informação”*; 5. *“Use linguagem simples”*; 6. *“Dê uma ou duas sugestões, não ordens”*.

Essas habilidades estão relacionadas a técnicas de comunicação que podem facilitar a compreensão das necessidades da mulher para obter-se uma assistência individualizada e efetiva a partir da aquisição de dados referentes à sua vivência no processo da amamentação e revelam a importância de mostrar à mulher que reconhecemos seus esforços e valorizamos suas atitudes no desempenho do seu papel de mãe e nutriz, para incentivarmos e desenvolvermos dessa forma, sua auto-confiança na amamentação.

Silva (1999) afirma em seu trabalho, que o profissional envolvido na assistência em aleitamento materno, tem dificuldade em estabelecer vínculo e interação com a nutriz, por falta de conhecimento e de motivação institucional. Estes consideram, que estabelecer vínculo com a nutriz na assistência em aleitamento materno fica na dependência da habilidade de alguns profissionais mais experientes e da receptividade da mulher. Além disso, esses percebem que a disponibilidade em se engajar no incentivo à amamentação é determinada pelas suas características pessoais, em que não apenas o conhecimento, mas as experiências e o jeito de ser de cada um conduzem suas atitudes no que se refere à assistência em amamentação e as oportunidades de interação entre profissionais e nutrizas.

COMENTÁRIOS

Considerando a necessidade dos profissionais de saúde desenvolverem habilidades para estabelecerem relações interpessoais, possibilitando aprimorar suas condições para “lidarem” com as questões emocionais da mulher, o “Curso de Aconselhamento em Amamentação” torna-se uma estratégia que pode viabilizar tal objetivo.

Acreditamos que, se realmente todos os elementos discutidos durante o treinamento dos profissionais que freqüentam o curso, forem incorporados, isso resultará em um padrão de atendimento que promoverá um processo de comunicação efetivo entre eles e a clientela, possibilitando a captação da demanda de necessidade da nutriz e de seu filho.

Uma vez estabelecido o processo efetivo de interação, o profissional pode alinhar suas ações, no sentido de instruir tecnicamente a nutriz e promover sua autoconfiança, para que ela seja capaz tomar suas próprias decisões, encontrando soluções e superação das suas dificuldades na vivência da amamentação.

No entanto, no modelo assistencial vigente, os profissionais, habitualmente se colocam como detentores do saber, estabelecendo uma relação de poder baseado na ideologia da maternidade como requisito necessário e suficiente para o sucesso da amamentação que busca, tão somente, o estabelecimento de rotinas disciplinadoras que não consideram as necessidades e a subjetividade da experiência de amamentar. Parece-nos difícil a transformação dessa prática para um modelo participativo, em que se utilize efetivamente as estratégias de comunicação, pois supomos que isto exija mudanças de comportamento básico do profissional e também da clientela

Diante disso, em face da relevância de aprimorar o modelo assistencial à mulher e ao lactente no período de amamentação, tendo como instrumento básico a promoção da interação efetiva por meio da comunicação, julgamos oportuno refletir sobre o processo de comunicação que ocorre nessa situação, ou seja, embora freqüentando o “Curso de Aconselhamento em Amamentação”, onde são discutidas as habilidades que visam esse processo de aprimoramento, fica a questão de quanto realmente o profissional apreende tais habilidades e as aplica em sua interação com a nutriz a ponto de facilitar com que a ela consiga desenvolver sua confiança na amamentação.

No processo de comunicação com o paciente, quando os profissionais de saúde deixam explícito apenas o exercício de seu “papel”, omitindo a presença de suas “pessoas”; esta situação determina uma identidade de atos comunicativos que delinea uma relação profissional mecanizada e despersonalizada. Isso faz com que os profissionais vejam o paciente como sendo seu objeto de trabalho (MENDES, 1994).

A autora considera ainda que se os profissionais têm no paciente um objeto de seu trabalho, mantêm com ele uma relação calcada no desempenho de papéis em que cada um tem o seu: profissional e paciente. Por outro lado, se o paciente é visto como pessoa, a relação entre eles é caracterizada como pessoal com o propósito de tornar efetiva uma assistência personalizada.

Sob este aspecto, percebemos que a assimilação de técnicas de comunicação terapêutica fica vinculada à importância que o profissional atribui ao processo de cuidar esbarrando-se nas características pessoais de cada um.

É preciso que o profissional esteja realmente disponível a trabalhar com a nutriz, numa perspectiva de vê-la como pessoa que é, para que a assistência à amamentação se desenvolva de forma terapêutica.

À medida em que estamos dispostos a nos envolvermos efetivamente com o fator profissional, é possível perceber no outro as suas perspectivas e não as nossas, para isso é preciso estarmos abertos a ouvi-lo. Quando percebemos as suas necessidades, sabemos que o cuidado é amplo, que envolve o ser total, não só restrito a um corpo, mas de uma pessoa que está vivenciando um processo e que tem uma família, que tem uma história (CARON, 1998).

Um estudo realizado no Estado de São Paulo, possibilitou avaliar a eficácia do treinamento do “Curso de aconselhamento em amamentação”. Demonstrou resultados animadores, porém, segundo as autoras, a avaliação foi prejudicada pelo fato de os profissionais não terem colocado em prática seus conhecimentos, por dificuldades organizacionais nas instituições que trabalhavam (REA; VENÂNCIO, 1999).

Com a finalidade de investigar os fatores de comunicação que interferem na assistência ao aleitamento materno, verificou-se que os profissionais que freqüentaram o Curso de Aconselhamento em Amamentação, citaram com maior freqüência a “postura profissional” como um dos fatores que facilitam a orientação. Quanto aos fatores que dificultam a orientação, os mais citados pelos profissionais estavam “relacionados às puérperas”, mostrando que no caso, a responsabilidade recai sobre a mulher (PINHEIRO; SILVA, 1997).

Esse dado nos revela que o profissional, apesar de ser treinado pelo curso que tem como principal filosofia em seu conteúdo, questões inerentes à comunicação terapêutica, estes não assumem sua responsabilidade quando questionados sobre os fatores de comunicação que interferem na assistência à amamentação.

Silva et al (1989), no desenvolvimento de programas de aperfeiçoamento para a equipe de enfermagem, observam que qualquer alteração na forma de trabalho, gera um maior gasto de energia. Sendo assim, a aprendizagem é afetada pelo esforço exigido para produzir uma resposta. Isso ocorre, principalmente quando o funcionário executa uma mesma tarefa há muito tempo, esta se torna “automática”, ou seja, não precisa ser pensada antes de ser executada, exigindo um gasto menor de energia.

Nesse sentido, podemos nos perguntar: quantas vezes, ao abordarmos uma nutriz, não o fazemos de maneira automática, padronizando linguagens e comportamentos que não requerem uma observação prévia dos elementos que permitem apresentar-nos seu estado emocional e suas reais necessidades? Será que agindo dessa forma, não procuramos nos omitir do conhecimento de suas dificuldades, para não sermos “obrigados” a dispendar nosso tempo tentando ajudá-la? Talvez o “gasto de energia”, nesse caso, seja bem menor do que tentarmos procurar suas necessidades para a busca conjunta da solução de seus problemas.

Assim, percebemos que mais do que o conhecimento de novas técnicas que podem tornar a relação profissional-nutriz mais pessoal, em que o primeiro procura aprender sobre ela, aceitá-la e desenvolver sua auto-estima para ajudá-la nas questões que envolvem a amamentação, é necessário que o profissional esteja realmente disposto a conhecer, ou se inteirar dos problemas vivenciados pela nutriz, pois, caso contrário a relação permanece no plano técnico com profundo vazio entre ambos.

É preciso que o profissional se conscientize do seu valor enquanto um dos personagens da vivência da nutriz como elemento *fundamental* na assistência ao aleitamento materno. Sendo assim, poderá valorizar e fazer uso verdadeiro de técnicas de comunicação, conscientizando-se de que esses elementos constituem instrumentos *fundamentais* na assistência à amamentação.

Carvalho (1989) considera duas faces da habilidade comunicativa: a natural propensão de executá-la adequadamente e a capacidade desenvolvida, aprendida de fazê-la. Apesar de existirem autores que ressaltam a necessidade de se desenvolver habilidades comunicativas através do ensino, na prática da enfermagem, o profissional parece permanecer ainda próximo ao seu nível inato de ser hábil em comunicação, sem muito desenvolvimento decorrente de aprendizagem.

Acreditamos que essa constatação possa ser considerada para todos os profissionais da saúde, independente da formação, nível ou área de atuação.

Porrit (1984) afirma que, em qualquer interação, estão contidos os passos de enviar e receber mensagens e os fatores intrínsecos de cada um, sendo esses inerentes à comunicação intrapessoal. Nesse sentido, a comunicação intrapessoal refere-se às pessoas querendo interagir e cada qual carregando consigo uma determinada herança genética, com uma bagagem cultural, crenças, valores e atitudes, nível de auto-estima, características da personalidade, mecanismos de defesa utilizados. Tais fatores irão determinar a maneira como cada pessoa experimenta a si própria e os outros. Desse modo, está sob a influência pessoal a percepção dos eventos, assim como a reação de cada pessoa a eles.

A comunicação humana é um meio intrincado e complexo, porque cada indivíduo é único e gira ao redor de um centro pessoal e privado. Nesse sentido, o que ocorre dentro de nós afeta as mensagens ou a interação das mensagens recebidas (RODRIGUES, 1990). No processo de comunicação com a nutriz, é

necessário que o profissional de saúde tenha preparo e maturidade suficientes para poder respeitá-la como pessoa que é, sem lhe impor critérios de como deve ser.

Silva (1999, p.125) considera que “muito além das rotinas, o sucesso da amamentação depende da humanização da atitude do profissional e do sentido que este dá ao papel que desempenha junto à nutriz”.

Nesse sentido, os profissionais de saúde devem lançar mão dos conhecimentos disponíveis na literatura de como lidar com as diferentes reações e manifestações emocionais da nutriz e de como evitar rupturas nessa comunicação, pois, na relação de ajuda contida na assistência à amamentação, existem seres humanos trabalhando com outros seres humanos.

Considerando os aspectos humanos que envolvem as relações contidas na assistência em aleitamento materno, o profissional deve apoiar-se em comportamentos e atitudes que lhe servirão como verdadeiro guia para o apoio à nutriz em seu processo de amamentação. É necessário que esse tenha maturidade emocional suficiente, disponibilidade para ouvir e compreender o ponto de vista da mulher e estabelecer comunicações que não impliquem ansiedades para ambos.

“Para mudar de idéia, você tem que mudar de jeito, de posição, de atitude” (SILVA, 1998, p.26).

Só assim o profissional poderá ter a possibilidade de iniciar e desenvolver uma relação com a mulher, na qual os elementos de *ajuda*, estejam realmente presentes, podendo finalmente ser percebidos pela nutriz, como pessoas *acolhedoras* e não apenas *conselheiras* em sua vivência na amamentação.

Referências bibliográficas

- CARON, O.A. F. **Parturiente e equipe obstétrica: a difícil arte da comunicação.** São Paulo, 1998. 141p. Dissertação (Mestrado)- Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo.
- CARVALHO, E. C. de **Enfermagem e comunicação: a interface.** Ribeirão Preto, 1989. 73p. Tese (Livre Docência)- Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- MENDES, I. A. C. **Enfoque humanístico à comunicação em enfermagem.** São Paulo, Sarvier, 1994.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Guia do treinador aconselhamento em amamentação: um curso de treinamento.** Genebra/, OMS/UNICEF, 1997.
- PINHEIRO, E.M.; SILVA, M.J.P. Fatores de comunicação que interferem na assistência ao aleitamento materno: uma visão dos profissionais de saúde. **Acta Paul. Enf.**, v. 10, n 3, p.14-21, 1997.
- PORRIT, L. **Communication: choices for nurses.** New York, Churchill Living Stone, 1984.
- REA, M.F.; VENÂNCIO, S.I. Avaliação do curso de aconselhamento em amamentação OMS/UNICEF. **J. Pediatr.**, v. 75, n.2, p.112-8, 1999.
- RODRIGUES, A. R. F. A Comunicação intrapessoal e a enfermagem. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO DE ENFERMAGEM, 2, Ribeirão Preto, 1990. **Anais.** Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 1990. p. 73-85.
- SILVA, I. A. **Construindo perspectivas sobre a assistência em amamentação: um processo interacional.** São Paulo, 1999. 146p. Tese (Livre Docência)- Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo.
- SILVA, M. J. P. et al **Educação continuada: estratégia para o desenvolvimento do pessoal em enfermagem.** São Paulo, Marques Saraiva, 1989.
- SILVA, M.J.P. A importância da comunicação nos processos de qualidade. **Nursing (São Paulo)**, v. 1, n. 1, p. 20-6, 1998.
- WORD HEALTH ORGANIZATION- WHO. Division of Child Health and Development. Breastfeeding counselling: a training course. **UPDATE**, n.14, 1994. [on line]. Disponível na Internet: <http:// www.who.int/chd/publicatins/newlet/update/updt14/htm.